

“Eu infernizava o colégio”

O estudante L.F.T., 16 anos, traz duas expulsões estampadas no seu problemático currículo escolar. Filho de pais separados, L.F.T. vive sozinho com a mãe, funcionária de uma seguradora, num apartamento de classe média no bairro do Méier (Subúrbio da Central). “Meus pais são separados e meus dois irmãos vivem com meu pai. Eu fico sozinho em casa e faço de tudo. Arrumo, cozinho”, conta o rapaz, que se considera um jovem independente.

Na primeira vez que foi convidado a sair da escola, era ainda um menino de apenas 12 anos e estava na 3ª série do 1º grau de um colégio particular no Méier. O próprio L.F. admite que foram vários – e quase todos justos – os motivos de sua saída. “Eu estudava lá desde pequeno e infernizava a vida do colégio. Brigava na sala de aula, cheguei a quebrar mesas e cadeiras e era sempre muito debochado. Eles não me agüentavam mais”, conta, com a mesma calma com que narraria um episódio de seriado de TV.

Na segunda ocasião em que foi expulso, L.F. já estava com 15 anos e cursava a 6ª série de um outro co-

légio particular, desta vez no bairro do Lins. O que ele fez? “Mandei o diretor da escola para aquele lugar”, diz. Mesmo assim, ele acha que foi injustiçado. “Eu e um grupo da turma estávamos sozinhos na sala e resolvemos fazer uma corrida com as cadeiras. O chão ficou todo marcado. Um aluno ficou na porta da sala, vendo se o inspetor vinha, enquanto os outros ficaram brincando. O inspetor chegou e só levou a mim para a sala da coordenação. Quando cheguei lá, perguntei ao diretor porque só eu tinha sido levado e ele disse que era porque eu sempre aprontava. Na verdade, ele me acusou por causa do meu *currículo*. Não agüentei. Perdi a cabeça e mandei ele para aquele lugar”, explica L.F., para tentar justificar seu ato.

“Ninguém me entende”, completa o rapaz, que se acha um jovem normal e culpa os professores e funcionários das escolas pelo seu comportamento rebelde. “Eles não conversavam. Já me julgavam pelo que eu tinha feito antes. No final, tudo de errado que acontecia era culpa minha”, reclama. Devido aos problemas no ano passado, L.F.T. pre-

cisou ser matriculado num curso supletivo, à noite, para não perder um ano de estudos. “Este ano, estou comportado. Até agora, não fiz nada de errado”, garante.

Ele conta que, num dos seus muitos momentos de rebeldia, a direção de uma das escolas chegou a encaminhá-lo a uma psicóloga. Para ele, uma grande bobagem. “Passei um mês com a psicóloga, que ficava brincando e fazendo joguinhos comigo a tarde inteira. Era uma chatice sem fim. E eu tinha tanta coisa para fazer...”, diz.

Apesar de ser um aluno irrequieto e bagunceiro, L.F. é contra as piadas nas paredes das escolas e nunca soltou bombas na sala de aula. “Não vou estragar o que eu uso”, diz. Indisciplinado na escola, nas pistas de atletismo L.F. se transforma. “Na hora em que a gente gosta, a gente muda”, analisa o adolescente, que, apesar de todos os seus problemas escolares, há um ano e meio coleciona méritos como integrante da equipe de atletismo de um grande clube carioca. “Gosto muito de praticar esporte. Acho que meu futuro vai ser por aí mesmo”, acredita.